

VIII ENCONTRO VIRTUAL DO CONPEDI

DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS II

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte destes anais poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria - CONPEDI

Presidente - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Napolini - FMU - São Paulo

Diretor Executivo - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC - Santa Catarina

Vice-presidente Norte - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa - Pará

Vice-presidente Centro-Oeste - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG - Goiás

Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos - Rio Grande do Sul

Vice-presidente Sudeste - Profa. Dra. Rosângela Lunardelli Cavallazzi - UFRJ/PUCRio - Rio de Janeiro

Vice-presidente Nordeste - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP - Pernambuco

Representante Discente: Prof. Dr. Abner da Silva Jaques - UPM/UNIGRAN - Mato Grosso do Sul

Conselho Fiscal:

Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara - SKEMA/ESDHC/UFMG - Minas Gerais

Prof. Dr. Valter Moura do Carmo - UFERSA - Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Fernando Passos - UNIARA - São Paulo

Prof. Dr. Edinilson Donisete Machado - UNIVEM/UENP - São Paulo

Secretarias

Relações Institucionais:

Prof. Dra. Claudia Maria Barbosa - PUCPR - Paraná

Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA - Bahia

Profa. Dra. Daniela Marques de Moraes - UNB - Distrito Federal

Comunicação:

Prof. Dr. Robison Tramontina - UNOESC - Santa Catarina

Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho - UPF/Univali - Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS - Sergipe

Relações Internacionais para o Continente Americano:

Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch - UFSM - Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto - UPM - São Paulo

Relações Internacionais para os demais Continentes:

Profa. Dra. Gina Vidal Marcilio Pompeu - UNIFOR - Ceará

Profa. Dra. Sandra Regina Martini - UNIRITTER / UFRGS - Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Maria Claudia da Silva Antunes de Souza - UNIVALI - Santa Catarina

Educação Jurídica

Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - Unicuritiba - PR

Prof. Dr. Rubens Beçak - USP - SP

Profa. Dra. Livia Gaigher Bosio Campello - UFMS - MS

Eventos:

Prof. Dr. Yuri Nathan da Costa Lannes - FDF - São Paulo

Profa. Dra. Norma Sueli Padilha - UFSC - Santa Catarina

Prof. Dr. Juraci Mourão Lopes Filho - UNICHRISTUS - Ceará

Comissão Especial

Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UFRJ - RJ

Profa. Dra. Maria Creusa De Araújo Borges - UFPB - PB

Prof. Dr. Antônio Carlos Diniz Murta - Fumec - MG

Prof. Dr. Rogério Borba - UNIFACVEST - SC

D597

Direitos e garantias fundamentais II [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI

Coordenadores: Ivone Fernandes Morcilo Lixa; Karyna Batista Sposato; Teresa Helena Barros Sales – Florianópolis: CONPEDI, 2025.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5274-155-4

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: Direito Governança e Políticas de Inclusão

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Nacionais. 2. Direitos. 3. Garantias fundamentais. VIII Encontro Virtual do CONPEDI (2; 2025; Florianópolis, Brasil).

CDU: 34



VIII ENCONTRO VIRTUAL DO CONPEDI

DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS II

Apresentação

O VIII Encontro Virtual CONPEDI – EVC – realizado entre os dias 24 a 28 de junho de 2015, teve como tema central “DIREITO, GOVERNANÇA E POLÍTICAS DE INCLUSÃO”. A temática possibilitou intensos e relevantes discussões permeando as plenárias e trabalhos apresentados nos diversos Grupos de Trabalho centrados em problematizar as políticas de inclusão desde uma perspectiva plural e democrática. Desde tal perspectiva o Grupo de Trabalho “Direitos e Garantias Fundamentais II”, sob a coordenação das Doutoradas Ivone Fernandes Morcilo da Universidade Regional de Blumenau, Karyna Batista Sposato da Universidade Federal de Sergipe e Teresa Helena Barros Sales da Unidade de Ensino Superior Dom Bosco, contribuiu significativamente para o evento, com apresentações orais e debates marcados pela densidade e atualidade das questões abordadas. Eis a relação dos trabalhos apresentados e seus autores(as):

1. O DIREITO AO DESENVOLVIMENTO E A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA NA CONSTITUIÇÃO DE 1988 - Bruna Kleinkauf Machado , Juliana Rodrigues Freitas
2. AS MENINAS “BALSEIRAS” DAS ILHAS DE MARAJÓ-AMAZÔNIA, EXPLORAÇÃO E ABUSO SEXUAL: OFENSA AOS DIREITOS PERSONALÍSSIMOS À VIDA E À INTEGRIDADE FÍSICA E MORAL, E À DIGNIDADE HUMANA - Cleide Aparecida Gomes Rodrigues Fermentão , Giovanna Pedroche Miranda , Luiza Leticia Abreu
3. TRANSPARÊNCIA E INCLUSÃO: A LINGUAGEM SIMPLES COMO FERRAMENTA DE EFETIVAÇÃO DO DIREITO À INFORMAÇÃO - Neile Batista De Mesquita , Andre Studart Leitao , Aline Evaristo Brigido Baima

PRESTAÇÃO DE TRATAMENTOS ESPECIALIZADOS - Rosilene Oliveira Brito ,
Nicolau Eladio Bassalo Crispino

7. A NECESSIDADE DE OBSERVÂNCIA DO DEVER ÉTICO DE SIGILO MÉDICO
PARA CONFERIR EFETIVIDADE À POLÍTICA PÚBLICA DE ABORTO LEGAL -
Juliana Carqueja Soares

8. HABEAS CORPUS VEL LIBERTATEM AD EXPRIMENDUM: A RECONSTRUÇÃO
GENEALÓGICA DOS DIREITOS DA PERSONALIDADE DE POLICIAIS MILITARES -
Fernando Rodrigues de Almeida , Rodrigo dos Santos Andrade

9. A IGUALDADE ENTRE OS SEXOS E O CÔNJUGE COMO HERDEIRO
NECESSÁRIO - Samantha Ribeiro Meyer-pflug , Samira Rodrigues Pereira Alves

10. O DIREITO AO MEIO AMBIENTE EQUILIBRADO E O MÍNIMO EXISTENCIAL
ECOLÓGICO SOB A PERSPECTIVA DA CONSTITUIÇÃO DE 1988 - Luziane De
Figueiredo Simão Leal , Aldo Reis De Araujo Lucena Junior , Diana Sales Pivetta

11. DIREITOS FUNDAMENTAIS E CIDADANIA ALGORÍTMICA: DESAFIOS
CONSTITUCIONAIS PARA A REGULAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DIGITAIS
BASEADAS EM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL - Cristian Kiefer Da Silva , Rafaela
Cristina Alves Lisboa

12. PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, EDUCAÇÃO E PODER JUDICIÁRIO: UMA
ANÁLISE INTERSETORIAL - Walter Lucas Ikeda , Maiquel Ângelo Dezordi Wermuth

13. CONSTITUCIONALISMO DIGITAL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS À
SOBERANIA E AOS DIREITOS FUNDAMENTAIS - Jonathan Santana Falheiro

16. A JURISPRUDÊNCIA DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL COMO INSTRUMENTO DE ENFRENTAMENTO DAS OMISSÕES LEGISLATIVAS - Lidiana Costa de Sousa Trovão , Gustavo Santana Costa

17.A SELETIVIDADE CONSTITUCIONAL DO DIREITO À IMAGEM: UMA ANÁLISE EMPÍRICA DO PROGRAMA “SE LIGA BOCÃO” ENTRE OS ANOS DE 2007 A 2014 - Florisvaldo Pasquinha de Matos Filho

18. AUTONOMIA DOS ENTES FEDERADOS EM MATÉRIA TRIBUTÁRIA, GUERRA FISCAL E BENEFÍCIOS FISCAIS: REFLEXOS JURÍDICO-ECONÔMICOS DA EMENDA CONSTITUCIONAL N. 132/2023 - Natália Rios Estenes Nogueira , Arthur Gabriel Marcon Vasques , Janainne Moraes Vilela Escobar

19. PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA, DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS: ENTRE A INVISIBILIZAÇÃO E O CONTROLE EM BLUMENAU/SC - Lenice Kelner, Ivone Fernandes Morcilo Lixa, Charlotte Ines Schaefer

Parabenizamos a todos e todas participantes do evento e também congratulamos a grande comunidade que compõe o Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito por seu contínuo esforço de prover um ambiente e oportunidades de aprimoramento da academia jurídica nacional.

O CORPO OBESO COMO FATOR DE EXCLUSÃO SOCIAL: SAÚDE, ESTÉTICA E GORDOFOBIA

THE OBESE BODY AS A FACTOR OF SOCIAL EXCLUSION: HEALTH, AESTHETICS AND FATPHOBIA

Tais Martins ¹
Flavia Jeane Ferrari ²
Andréa Arruda Vaz ³

Resumo

fenômeno da obesidade transcende questões meramente fisiológicas, configurando-se como um complexo problema social marcado pela estigmatização e exclusão. A gordofobia, manifestada através de preconceito e discriminação contra pessoas com corpos gordos, permeia diversos ambientes sociais e institucionais. No contexto laboral, indivíduos obesos enfrentam obstáculos significativos em processos de contratação, promoção e remuneração equitativa. No âmbito educacional, estudantes com sobrepeso frequentemente são alvo de bullying por colegas e até mesmo de preconceito por educadores, comprometendo seu desempenho acadêmico e desenvolvimento psicossocial. A mídia desempenha papel crucial na perpetuação destes estigmas ao representar pessoas magras em papéis desejáveis enquanto relega corpos gordos a estereótipos negativos ou cômicos. Esta representação distorcida normaliza a discriminação e reforça padrões estéticos inalcançáveis para muitos. Combater a gordofobia requer uma abordagem multifacetada que inclua educação pública, políticas inclusivas e a promoção da diversidade corporal. É essencial compreender que saúde não se vincula a padrões estéticos específicos, e que dignidade e respeito são direitos universais, independente da forma corporal. Através de revisão bibliográfica, verificou-se que combater a gordofobia demanda abordagem multifacetada, incluindo educação pública, políticas inclusivas e promoção da diversidade corporal.

Palavras-chave: Exclusão social, Saúde, Obesidade, Gordofobia, Direitos fundamentais

Abstract/Resumen/Résumé

overweight students are often the target of bullying by peers and even prejudice by educators, compromising their academic performance and psychosocial development. The media plays a crucial role in perpetuating these stigmas by representing thin people in desirable roles while relegating fat bodies to negative or comical stereotypes. This distorted representation normalizes discrimination and reinforces aesthetic standards that are unattainable for many. Combating fatphobia requires a multifaceted approach that includes public education, inclusive policies and the promotion of body diversity. It is essential to understand that health is not linked to specific aesthetic standards, and that dignity and respect are universal rights, regardless of body shape. Through a bibliographic review, it was found that combating fatphobia requires a multifaceted approach, including public education, inclusive policies and the promotion of body diversity.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Social exclusion, Health, Obesity, Fatphobia, Fundamental rights

INTRODUÇÃO

Para analisar a gordofobia pluridisciplinarmente, deve-se examinar relações de poder, produção e ideologia que moldam o tratamento social das pessoas gordas. Uma revisão bibliográfica pode investigar teorias críticas do fenômeno, analisando suas manifestações em instituições como saúde, trabalho e mídia, e sua perpetuação através de ideologias e normas culturais (TAVARES; SCHUBERT, 2024, p. 12).

Segundo Souza (2021) Análises de leis e políticas públicas são essenciais para compreender a abordagem estatal sobre obesidade e gordofobia, incluindo revisão de legislação antidiscriminação, políticas de saúde pública relacionadas à obesidade, programas educacionais sobre imagem corporal e políticas de inclusão no ambiente de trabalho.

Segundo o Portal da Assembleia de Minas Gerais (2023), em muitos casos, a punição estatal sobre grupos marginalizados, como pessoas gordas, é evidente na falta de acessibilidade a serviços de saúde adequados, na negação do mínimo existencial (como acesso a alimentos saudáveis e espaços seguros para atividades físicas), no uso discriminatório da reserva do possível (justificando a falta de recursos para atender às necessidades desses grupos) e na falta de responsabilidade coletiva do Estado em garantir os direitos e a dignidade de todas as pessoas.

Segundo Ferreira, Szwarcwald e Damacena (2019) a noção de que corpos gordos são automaticamente doentes é uma construção social obsoleta e perigosa, que perpetua estigmas e prejudica a qualidade de vida dessas pessoas. É essencial demonstrar a necessidade de mudanças tanto na sociedade em geral quanto nas políticas e práticas governamentais para garantir a dignidade e os direitos das pessoas gordas (SOUZA, 2021).

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2021) isso pode envolver a implementação de políticas de saúde pública que promovam o bem-estar de todas as pessoas, independentemente do tamanho do corpo, a criação de ambientes inclusivos que combatam a discriminação e o estigma relacionados à obesidade, e o desenvolvimento de programas de educação e sensibilização para desafiar os estereótipos prejudiciais sobre peso e aparência.

Além disso, é fundamental garantir que as políticas públicas sejam implementadas de forma eficaz e equitativa, com recursos adequados alocados para atender às necessidades das pessoas gordas e garantir seu pleno acesso à cidade e a seus direitos básicos. Isso requer o engajamento ativo da sociedade civil, incluindo grupos de defesa e ativistas, para pressionar por mudanças significativas e duradouras.

2. REVIRAVOLTAS HISTÓRICAS DO CORPO OBESO

Segundo Vigarello (2012) para compreender plenamente as suas complexidades e potenciais soluções, é essencial explorar a história da obesidade. Georges Vigarello, um renomado historiador, estudou extensivamente os aspectos culturais, sociais e médicos da obesidade ao longo de diferentes períodos de tempo. Seu trabalho, "A História da Obesidade", fornece uma análise abrangente que lança luz sobre as origens e a evolução deste problema generalizado. Ao nos aprofundarmos na pesquisa de Vigarello, podemos obter informações valiosas sobre as raízes da obesidade e desenvolver estratégias eficazes para combatê-la.

Vigarello aponta em sua obra sobre as reviravoltas desse corpo:

A história do gordo está ligada a essas reviravoltas. O desenvolvimento das sociedades ocidentais promove o afinamento do corpo, a vigilância mais cerrada da silhueta, a rejeição do peso de maneira mais alarmada. O que transforma o registro da gordura, "denegrindo-a" [sic], aumentando o seu descrédito e privilegiando insensivelmente a leveza. A amplitude do volume afasta-se cada vez mais do refinamento, enquanto a beleza se aproxima mais e mais do que é magro, esguio (VIGARELLO, 2012, p. 10-11).

A análise histórica de Vigarello mostra como civilizações antigas associavam corpulência ao poder, riqueza e fertilidade, enquanto outras a viam como degeneração moral. Estas percepções divergentes desafiam a ideia de que obesidade é apenas fenômeno moderno. Seu trabalho nos faz repensar noções pré-concebidas e considerar fatores culturais que normalizaram a obesidade em certos contextos, ampliando nossa compreensão desta questão complexa (VIGARELLO, 2012, p. 15).

Além disso, a exploração de Vigarello da medicalização da obesidade ao longo da história é ao mesmo tempo esclarecedora e instigante. Ele revela como as mudanças nas crenças médicas e os avanços científicos influenciaram a percepção e o tratamento da obesidade. No passado, a obesidade era frequentemente atribuída a falhas morais ou de carácter, levando à estigmatização e à marginalização (PUHL; HEUER, 2009, p. 943).

No entanto, Vigarello destaca como os avanços médicos nos séculos XIX e XX transformaram gradualmente a obesidade numa condição médica reconhecida, transferindo a culpa do indivíduo para os fatores fisiológicos subjacentes (PUHL; HEUER, 2009, p. 943). Segundo Vigarello (2011) este contexto histórico é crucial para dissipar a noção de que a obesidade é apenas um resultado de escolhas pessoais e enfatiza a necessidade de uma abordagem compassiva e abrangente para abordar esta questão.

Além disso, o exame de Vigarello das mudanças sociais e do impacto da industrialização nas taxas de obesidade é particularmente relevante para a sociedade moderna. Ao traçar a transição de uma sociedade agrária para uma sociedade industrializada, Vigarello demonstra como as mudanças no estilo de vida, na nutrição e nos comportamentos sedentários contribuíram para o aumento da obesidade.

Ao compreender os fundamentos históricos destas mudanças, é possível implementar intervenções eficazes que abordem as causas profundas da obesidade e promovam estilos de vida mais saudáveis (VIGARELLO, 2016, p. 441). Vigarello também aborda fatores socioculturais que perpetuam a obesidade, destacando o papel da mídia, publicidade e normas sociais na formação de percepções sobre imagem corporal e consumo alimentar (VIGARELLO, 2012, p. 375).

Vigarello proporciona entendimento profundo da obesidade e suas raízes históricas, questionando crenças estabelecidas e propondo soluções integradas. "A História da Obesidade" expõe contexto histórico, influências culturais e medicalização que formaram a crise atual. Ao analisar origens e evolução do fenômeno, podemos criar estratégias eficazes para este problema complexo. Sua pesquisa demanda abordagem que contemple escolhas individuais e fatores sociais, devendo ser incorporada em iniciativas de saúde pública e políticas para um enfrentamento multidisciplinar e científico. A relação entre beleza e obesidade é complexa (MARTINS; VAZ; LIMA, 2024).

A percepção de beleza é fortemente influenciada pela cultura, normas sociais e representações predominantes, variando significativamente entre diferentes sociedades e épocas (VENDRUSCOLO; MALINA; AZEVEDO, 2014, p. 506).

A obesidade, definida pelo acúmulo excessivo de gordura corporal, é estigmatizada em culturas que idealizam a magreza como padrão de beleza, gerando desafios psicológicos e sociais como preconceito, discriminação e pressão estética para pessoas com excesso de peso (SILVA; SILVA, 2019, p. 8035). No entanto, é importante ressaltar que as normas de beleza estão mudando e recebendo novos contornos evoluindo em muitas partes do mundo. Movimentos de aceitação do corpo e da diversidade estão ganhando destaque, promovendo uma visão mais inclusiva da beleza (MARTINS, 2024). Algumas pessoas e organizações estão trabalhando para combater o estigma relacionado à obesidade e promover a autoaceitação, independentemente do tamanho do corpo (LIRA et al., 2017).

Além disso, a saúde é um fator importante a ser considerado. A obesidade está associada a um maior risco de problemas de saúde, como doenças cardíacas, diabetes e

pressão alta. Portanto, a promoção de um estilo de vida saudável, que inclui uma dieta equilibrada e atividade física, é fundamental, independentemente dos padrões de beleza (SILVA; SILVA, 2019, p. 8037).

No geral, a relação entre beleza e obesidade é complexa e influenciada por uma série de fatores, incluindo a cultura, a mídia, as normas sociais e a saúde. É importante promover uma visão mais inclusiva da beleza que valorize a diversidade de corpos e, ao mesmo tempo, incentive hábitos saudáveis para todos.

A questão da beleza que dá abertura para as próximas abordagens nas palavras de Hugo Mengarelli (MENGARELLI, 2014, p. 220) professor de cinema e teatro e também psicanalista:

Estética vem do grego *aisthesis*: relativo às sensações, órgão dos sentidos, e sempre esteve unida à ideia sobre o sentido do belo: não pode haver nenhuma regra de gosto objetiva que determine por conceito o belo. Pois todo o juízo dessa fonte é estético; isto é, o sentimento do sujeito, e não um conceito de um objeto e seu fundamento-de-determinação (MENGARELLI, 2014, p. 220).

A beleza conceitual (NEVES, 2022, p. 18-19) é a fonte da exclusão das pessoas obesas (NEVES, 2022). O corpo que não se encaixa no padrão da magreza. Não se trata de um corpo saudável, mas um corpo magro e que atende aos padrões do mercado consumidor. E esse mercado consumidor é ampliado pela pessoa obesa (SILVA, 2021, p. 13). Na busca de aceitação, os regimes, dietas, cirurgias são utilizados para a conquista de uma aceitação. Pois a busca da saúde não é o plano número um.

As artes ensinam uma perspectiva de aceitação do corpo obeso e uma positivação da imagem do corpo obeso. A obra de Elisa aponta para a sensualidade e se opõe a hegemonia da magreza:

Há nos trabalhos de Elisa uma tentativa de positivação da imagem do corpo gordo feminino por meio da desconstrução da imagem do corpo gordo tido como inaceitável. Ao invés de olhar para uma imagem que reforça a imagem pejorativa do corpo gordo, o espectador se depara com uma arte livre dos estigmas, uma arte que tem a pretensão de mudar a imagem negativa desse corpo, mesmo com seus excessos expostos — características que em outros momentos seriam consideradas negativas — se mostra um corpo tão sensual quanto os corpos padronizados. Fazendo de uma condição socialmente estigmatizada um campo de experimentações de um novo imaginário social do corpo gordo feminino. Segundo Junior (2007), nas obras de Elisa predominam imagens do corpo obeso, sobretudo do corpo feminino, cujo excesso de gordura subverte o significado de sensualidade, indo contra a hegemonia da magreza, que coloca as formas magras e siliconadas como sendo o único padrão de beleza, desconsiderando a pluralidade dos corpos femininos. Percebemos, assim, a busca de Elisa para retratar a corpulência de um modo sedutor. O desenvolvimento desta investigação da “adiposidade sedutora” (JUNIOR, 2007) pode ser percebido desde meados dos anos 90, quando Elisa ainda era estudante de

O trabalho artístico de Elisa, parece se concentrar na representação positiva e sedutora do corpo gordo feminino. Seria útil fornecer um contexto mais amplo sobre quem é Elisa e sua relevância no mundo da arte contemporânea. Cabe destacar como Elisa desconstrói os estigmas associados ao corpo gordo, transformando a percepção negativa em uma visão mais positiva e sensual. Explique como ela desafia as normas sociais de beleza e reivindica a pluralidade dos corpos femininos. As obras de Elisa retratam a corpulência de maneira sedutora, desafiando a ideia de que apenas corpos magros e siliconados são considerados atraentes. Ela subverte os padrões tradicionais de beleza e celebra a diversidade corporal. O trabalho de Elisa dentro de um quadro mais amplo de estudos culturais, feministas ou de representação do corpo trata da “adiposidade sedutora” e também de uma nova forma de representação corporal do corpo obeso.

Para Ariano Suassuna há um conjunto de elementos na estética que tramitam entre o sociológico e o filosófico:

O esteta francês contemporâneo, Charles Lalo, segue, em suas ideias estéticas, uma orientação fundamentalmente sociológica. Entretanto, a respeito da parte especial que dedica às categorias da Beleza — ou categorias estéticas, como ele prefere chamar — seu ponto de vista é como não podia deixar de ser, psicológico. Lalo parte da visão aristotélica das categorias da Beleza, esboçando uma tentativa de recriá-la sob um ponto de vista sistemático e transformando, por influência da crítica kantiana, as categorias da Beleza em categorias do Estético. Entretanto, talvez por se fundamentar em Aristóteles — e também fiel ao fato de que todos os estetas, queiram ou não queiram, terminam por estabelecer julgamentos e normas de valor — o fato é que Lalo, na sua classificação das categorias da Beleza, termina por nos fornecer algumas indicações preciosas para a definição objetiva de cada uma delas. Para o estudo desse assunto, o ponto de partida de Charles Lalo é o mesmo de Aristóteles: a harmonia, ou ordem. Relaciona ele a harmonia com as três principais faculdades que atribui ao espírito humano, à inteligência, a atividade e a sensibilidade, isto é, a inteligência, à vontade e o sentimento, como prefere Edgard De Bruyne. A harmonia é entendida por ele de três maneiras, isto é, como possuída, procurada ou perdida, o que vai fornecer três campos para o estabelecimento de nove categorias da Beleza, três em cada uma (SUASSUNA, 2013, p. 94).

Esse é um ponto importante a ser destacado. O estudo da obesidade é verdadeiramente multidisciplinar e requer a colaboração de várias áreas do conhecimento. Isso ocorre porque a obesidade é uma condição de saúde complexa que envolve uma interação de fatores biológicos, comportamentais, psicológicos, sociais e ambientais. Mas a compreensão sobre a dor e a exclusão surge no dilema saúde, beleza e aceitação social. A gordofobia é um preconceito e deve ser reconhecido como tal, evitando o manto sagrado da proteção à saúde que mascara a busca pela estética e pelo emagrecimento.

E o arremate para esses alinhavos reflexivos está na obra de Suassuna:

Na escala da História, não é, evidentemente, o Belo que será capaz de “salvar o mundo”. Em face dos imensos problemas econômicos, sociais e ecológicos que se anunciam ruidosamente, é patente que nenhuma solução será encontrada sem a mobilização da inteligência dos homens, sem o investimento na pesquisa e na inovação, nas ciências e nas técnicas, que, é claro, não resolverão tudo, longe disso, mas sem as quais a humanidade não escapará das catástrofes em série. Há que convir: nesse plano, devemos esperar salvação antes da inteligência racional e técnica que da arte (LIPOVETSKY, 2016, p. 26).

O trecho selecionado enfatiza a ideia de que, na escala histórica, a beleza artística não é capaz de resolver os problemas complexos que a humanidade enfrenta. Em vez disso, o texto argumenta que soluções para questões econômicas, sociais e ecológicas exigem a mobilização da inteligência humana, investimentos em pesquisa, inovação, ciência e tecnologia. Há pontos chave nessa reflexão como as limitações da arte; a necessidade de inteligência e inovação e o realismo (LIPOVETSKY, 2016, p. 26).

Quanto às limitações da arte, esta não pode salvar o mundo ou resolver desafios globais, por mais bela que seja. O corpo considerado belo não é necessariamente mais saudável ou superior aos corpos obesos, apenas recebe maior aceitação social. Ao abordar a necessidade de inteligência e inovação, destaca-se sua importância como elementos essenciais para enfrentar problemas econômicos, sociais e ambientais. Surge então a percepção da ciência e técnicas como investimentos cruciais na busca por soluções para crises iminentes.

Lipovsky também advertiu que a inteligência, pesquisa e inovação não são soluções mágicas, mas são fundamentais para evitar catástrofes futuras. Ele mencionou que há desafios enfrentados pela humanidade e destacou a importância de abordagens racionais, técnicas e científicas para enfrentar esses desafios, em contraste com a ideia de que a arte pode salvar o mundo por si só (LIPOVETSKY, 2016, p. 26).

Não há um ideal estético único, e o mercado não poderia ser seu vetor exclusivo, a não ser que se mutilassem os modos de existência dos indivíduos. Onde a exigência de fazer que viver na era do capitalismo transestético não consista em se alinhar somente às ofertas prementes e estonteantes do mercado. Em nossos dias, cumpre postular duas formas ou duas versões bem diferentes da vida estética: uma comandada pela submissão às normas aceleradas e ativistas do consumismo; a outra, pelo ideal de uma existência capaz de escapar das rotinas de vida e de compra, de suspender a “ditadura” do tempo precipitado, de degustar o sabor do mundo se dando o tempo da descoberta. À estética do acelerado há que opor uma estética da tranquilidade, uma arte da lentidão que é abertura para as fruções do mundo, permitindo “estar mais próximo da própria existência” (LIPOVETSKY, 2016, p. 26-27).

O capitalismo desempenha um papel fundamental na estetização do mundo e da existência, ou seja, na transformação de aspectos da vida e da sociedade em experiências estéticas ou estilizadas. No entanto, Lipovetsky aponta que essa dinâmica não é inteiramente positiva, tanto no que se refere à criação de obras de arte quanto aos padrões de consumo (LIPOVETSKY, 2016, p. 26-27).

Surge aqui um encaixe importante para a tese sobre a conexão entre o consumo, a estética e as contradições sociais. Pois a saúde não é o ideal social a ser perseguido. E a ditadura da beleza simula a ideia de vencedores e vencidos no esteio social.

O capitalismo, em sua busca por lucro e diferenciação de produtos, adota elementos da estética e da arte para tornar os produtos mais atraentes e cativantes para os consumidores. Existem limitações e contradições nesse processo. Por exemplo, a sociedade, os consumidores e os indivíduos muitas vezes não conseguem atingir o ideal de uma "vida bela" ou esteticamente perfeita, apesar dos esforços para alcançá-la. O consumismo desempenha um papel na formalização da vida e na busca de uma existência estilizada, muitas vezes levando a uma vida insignificante e padronizada (LIPOVETSKY, 2016, p. 26-27).

Para Lipovetsky é importante reconhecer tanto as contribuições do capitalismo artista quanto seus fracassos. Isso implica entender como essa dinâmica molda a sociedade e a cultura contemporâneas através da busca por uma "vida estética mais rica e significativa", menos influenciada pelo consumismo e mais centrada em valores estéticos genuínos (LIPOVETSKY, 2016, p. 26-27).

Por sua vez, essa lógica quando ampliada para os recortes sobre a obesidade e a gordofobia, apontam para a incompreensão da estética sobre os corpos obesos. Essa "arte" humanizada e com os olhos voltados para uma vida estética mais autêntica são ainda objetivos distantes da realização. Por certo é a equação complexa do capitalismo que potencializa o desafio a ser enfrentado pelo ordenamento jurídico na garantia dos direitos da pessoa obesa.

2. AS INDÚSTRIAS: ENTRE A BELEZA E A ALIMENTAÇÃO

É fundamental perceber o impacto da indústria da beleza e da indústria da alimentação. A indústria da beleza nas cirurgias plásticas, nos cremes com propostas milagrosas e a indústria de alimentos que contribui para os problemas de saúde em especial a obesidade, mas que não é responsabilizada pela qualidade dos alimentos que coloca à disposição dos consumidores. A comida é um fato importante nas relações humanas e deve

ser vislumbrada a partir das suas Representações Sociais.

Lo Monaco e Bonetto em artigo sobre as Representações Sociais da cultura nos estudos alimentares destaca a identidade alimentar cultural indicando a importância na simbologia, nas crenças e na identidade individual e coletiva dos grupos:

Identidade alimentar e cultural. O consumo de alimentos constitui um fator importante que influencia a forma como os indivíduos percebem os outros e a si mesmos (Brillat-Savarin, 1825; Cooks, 2009; Leitch, 2000). A comida não apenas nutre, mas também significa (Fischler, 1988; Pietrykowski, 2004), ou seja, as escolhas e práticas alimentares são “significantes da cultura e identidade do grupo, em que os itens ingeridos dizem algo significativo sobre as pessoas, para si mesmas e para os outros (Wilson, 2006, p. 12; ver Pietrykowski, 2004 (LO MONACO; BONETTO, 2019, p. 476).

A pesquisa enfatiza a comida além da nutrição, como elemento central na construção identitária e cultural. Ela enseja características culturais e manifesta valores e crenças. Escolhas alimentares e práticas relacionadas são fundamentais na expressão cultural de grupos ou comunidades. Alimentos consumidos, métodos de preparação, rituais de refeições e significados atribuídos constituem aspectos importantes da identidade cultural.

O que se come e como se relaciona com a comida comunica valores, crenças e tradições culturais. Certos alimentos podem ser sagrados ou simbólicos, associados a celebrações específicas ou rituais religiosos. A comida desempenha papel crucial no intercâmbio cultural, criando pontes entre diferentes grupos. Por meio dela, pessoas compartilham tradições culinárias e aprendem sobre cultura e história de outros povos (MATEO, 2022).

Segundo Sánchez (2019) além de refletir a identidade cultural de um grupo, as escolhas alimentares também podem desempenhar um papel na formação da identidade individual de uma pessoa. Por exemplo, certos alimentos podem estar associados a memórias afetivas ou experiências pessoais, e as preferências alimentares de alguém podem refletir sua história pessoal e conexões emocionais com a comida.

A comida é muito mais do que apenas combustível para o corpo; ela é um meio poderoso de expressão cultural, comunicação de valores e construção de identidade, tanto a nível individual como coletivo. Reconhecer a importância da comida na formação da identidade alimentar e cultural é essencial para uma compreensão mais profunda da diversidade humana e das complexidades das relações sociais (LO MONACO; BONETTO, 2019).

Destaca-se um liame entre as crenças, a alimentação, a simbologia dos alimentos como a ingestão dos mesmos. A obesidade se dá sobre um corpo e esse corpo é também recortado pelas representações sociais dos alimentos. De um lado os alimentos e as memórias afetivas e os comportamentos compensatórios e de outro um indústria alimentícia conduzida pela lucratividade e não pela saúde dos consumidores (ROHENKOHL, 2024).

No estudo elaborado por Marion Nestlé e David Stuckler sobre o Big Food e seus impactos globais na alimentação, foram apresentados dados sobre a Coca-Cola e a PepsiCo como parte das dez empresas que controlam mais da metade das vendas de alimentos no mundo. Esse oligopólio de alimentos ultraprocessados e impulsionado pelo pagamento das pesquisas que apresentam dados favoráveis para manter a lucratividade dessa indústria, independente dos danos que propicia segue rentável e despreocupada diante da permeabilidade das limitações legais.

Para compreender quem é responsável por estas falhas nutricionais, é primeiro necessário perguntar: *Quem governa os sistemas alimentares globais?* Em geral, é “Big Food”, pelo qual nos referimos a empresas multinacionais de alimentos e bebidas com enorme e concentrado poder de mercado. Nos Estados Unidos, as dez maiores empresas alimentares controlam mais de metade de todas as vendas de alimentos e a nível mundial esta proporção é de cerca de 15% e continua a aumentar. Mais da metade dos refrigerantes globais são produzidos por grandes empresas multinacionais, principalmente Coca-Cola e PepsiCo. Três quartos das vendas mundiais de alimentos envolvem alimentos processados, para os quais os maiores fabricantes detêm mais de um terço do mercado global. O sistema alimentar mundial não é um mercado competitivo de pequenos produtores, mas um oligopólio. O que as pessoas comem é cada vez mais impulsionado por algumas empresas alimentares multinacionais (STUCKLER; NESTLE, 2012, p. 2).

O trecho destaca a influência dominante das grandes empresas de alimentos, frequentemente referidas como “Big Food”, nos sistemas alimentares globais. O domínio das grandes empresas de alimentos nos sistemas alimentares globais levanta preocupações sobre questões como saúde pública, sustentabilidade, equidade e diversidade alimentar.

As grandes empresas de alimentos exercem poder considerável no mercado, controlando parcela significativa das vendas mundiais. Essa concentração limita a concorrência e restringe opções para consumidores. Por sua posição dominante, influenciam significativamente hábitos alimentares, promovendo produtos altamente processados, ricos em açúcar, gordura e sal, que contribuem para obesidade, diabetes e doenças cardiovasculares (NESTLE, 2019).

As empresas de alimentos investem pesadamente em marketing e publicidade para

promover seus produtos e influenciar as escolhas dos consumidores. Isso inclui estratégias direcionadas para crianças e jovens, o que pode contribuir para a formação de preferências alimentares pouco saudáveis desde a infância (NESTLE, 2002, p. 176-177).

A concentração de poder no setor de alimentos nem sempre é benéfica para os pequenos produtores e agricultores. As grandes empresas muitas vezes dominam as cadeias de abastecimento, impondo preços baixos e condições desfavoráveis aos fornecedores menores, o que pode prejudicar a sustentabilidade e a diversidade na produção de alimentos (NESTLE, 2019).

A influência política das grandes empresas de alimentos também pode afetar a formulação de políticas e regulamentações relacionadas à alimentação e nutrição. Lobbying e pressão política podem resultar em políticas mais favoráveis às empresas em detrimento da saúde pública (NESTLE, 2002, p. 176-177).

A alimentação contribui para o aumento da obesidade e as falhas nutricionais são elementos que devem ser conectados à responsabilidade da indústria alimentícia. Para entender completamente a obesidade, é necessário considerar não apenas os aspectos fisiológicos, como o metabolismo e a genética, mas também os hábitos alimentares, a atividade física, os fatores psicológicos, como o comportamento alimentar, o estresse e a autoimagem, e os fatores sociais, como o acesso a alimentos saudáveis, o ambiente construído e as normas culturais em torno do peso corporal (ALVARENGA, 2019).

A análise da vulnerabilidade dos consumidores frente a alimentos rotulados como "nutritivos" pela indústria, mas condenados pela saúde, é essencial para entender os desafios na promoção alimentar saudável. A indústria usa marketing para apresentar produtos não saudáveis como benéficos, gerando confusão e induzindo escolhas prejudiciais (DANTAS et al., 2021).

O enfrentamento requer melhor rotulagem, regulamentação eficaz, educação nutricional que incentive alimentos frescos e não processados, além do fortalecimento da capacidade dos consumidores para fazerem escolhas informadas e saudáveis (BAHIA; ARAÚJO, 2014).

Segundo Scherer, More e Coradini (2017) além disso, a prevenção e o tratamento da obesidade geralmente exigem abordagens interdisciplinares, envolvendo médicos, nutricionistas, psicólogos, educadores físicos, assistentes sociais e outros profissionais de saúde. Segundo Martins (2022), portanto, reconhecer a complexidade da obesidade e a necessidade de uma abordagem multidisciplinar é fundamental para avançar no entendimento

e no tratamento dessa condição de saúde. A pesquisa e a prática clínica devem integrar conhecimentos de diversas áreas para oferecer abordagens abrangentes e eficazes para enfrentar esse desafio de saúde pública (NESTLE, 2015).

3. O CORPO OBESO COMO FATOR DE EXCLUSÃO SOCIAL

A obesidade está diametralmente ligada com a vulnerabilidade. A obesidade pode levar a várias formas de vulnerabilidade para as pessoas que a vivenciam. Essa vulnerabilidade pode se manifestar em diferentes aspectos da vida, incluindo a saúde física e mental, a qualidade de vida, as interações sociais e as oportunidades econômicas (NESTLE, 2019).

Segundo Gulá et al. (2023, p. 16), a vulnerabilidade se estabelece através de vários elementos entre eles podem ser elencados os problemas de saúde, a discriminação, as dificuldades de acesso à saúde (BERBERI; VAZ; MARTINS, 2022, p. 458).

O comprometimento da qualidade de vida, a desigualdade econômica e a dificuldade de acesso aos recursos.

Porém, é possível que pessoas com diferentes pesos internalizem as atitudes preconceituosas acerca do peso para si, devido ao foco na avaliação do peso privilegiar a magreza. A internalização do estigma do peso tem sido associada com insatisfação da imagem corporal, baixa autoestima e preocupação com peso, os quais são frequentes na contemporaneidade, independente do peso. Ainda, um estudo aponta que o estigma de peso internalizado é prevalente na população em geral, entre homens e mulheres, e ocorre em diversas categorias de peso corporal. Em contrapartida, há estudos que mostram maior internalização do estigma de peso em mulheres do que em homens, que pode ser atribuído à maior vulnerabilidade social das mesmas (GULÁ et al., 2023, p. 16).

A obesidade está associada a uma série de problemas de saúde (MARTINS, 2018, p. 337). Dados da pesquisa de Ana Paula Bortoletto Martins no seu levantamento de dados sobre saúde pública oferta a percepção de uma crise global de obesidade, indicando que 40% da população mundial está acima do peso, triplicando em 40 anos, segundo dados da OMS (2018).

O estigma e a discriminação relacionados à obesidade são prevalentes em muitas sociedades. As pessoas obesas podem enfrentar preconceito, estereótipos negativos e tratamento injusto em várias áreas da vida, incluindo emprego, educação, atendimento médico e interações sociais. Isso pode levar a uma vulnerabilidade psicossocial significativa, incluindo baixa autoestima, ansiedade e depressão (TAROZO; PESSA, 2020, p. 03).

Maraisa Taroza aponta algumas diretrizes sobre a estigmatização, destacando que pessoas com obesidade enfrentam desvantagens no trabalho (contratação, salários, promoções) devido ao peso; no meio educacional, sofrem estigmatização de professores e colegas. Na mídia, personagens magros recebem características desejáveis e papéis importantes, enquanto pessoas obesas são relegadas a papéis estereotipados. Isso evidencia a aceitabilidade social do estigma de peso. Em relações interpessoais, atitudes estigmatizantes vêm de cônjuges, familiares, amigos e profissionais de saúde (TAROZO; PESSA, 2020).

Melo e Farias destacam em artigo sobre as formas jocosas e os personagens obesos retratados como abobalhados e ridículos, propalados nas propagandas que imprimem tons apelativos nas piadas pejorativas que podem interferir nas relações sociais. Atitudes negativas são frequentes no modo como pessoas com excesso de peso aparecem na mídia. Piadas sobre gordura são comuns na televisão, e personagens acima do peso são retratados pejorativamente em filmes e desenhos animados. Crianças, ao observarem esses comportamentos manipulados, passam a ridicularizá-los (PUHL; BROWNELL, 2003).

Isso não permanece restrito ao momento da exibição - tais atitudes geram consequências futuras e podem ser normalizadas nas relações sociais.

A Cartilha 38 do SUS dá a seguinte diretriz sobre a estigmatização que corrobora as pesquisas anteriormente citadas:

O sentimento de estarem sem saída pesa sobre os obesos, literalmente falando, como uma herança destinada, um estigma que pode desencorajar ou impedir o acesso ao trabalho, ao lazer e a outros prazeres. O caminho para romper com o funcionamento passivo é o processo de autoconhecimento e autodesenvolvimento, a busca por uma forma social que lhes permita se comportar como sujeitos, mais do que como vítimas passivas (FELIPPE, 2003). Para tanto, é preciso fazer um trabalho preliminar com este usuário. O trabalho em grupo pode ser um bom espaço de troca e discussão, permitindo a este usuário se identificar com experiências e sentimentos vivenciados pelos demais participantes (BRASIL, 2014, p. 107).

O estigma da obesidade prejudica múltiplos aspectos da vida: no trabalho causa discriminação na contratação, menores salários e promoções; estudantes obesos sofrem bullying, afetando desempenho e autoestima; a mídia perpetua estereótipos ao idealizar magreza e ridicularizar pessoas gordas; atitudes discriminatórias de amigos, familiares e profissionais de saúde provocam isolamento e problemas mentais. Estas barreiras limitam oportunidades e acesso a cuidados adequados. Combater o estigma exige educação, conscientização e ambientes inclusivos que respeitem a diversidade corporal.

Suassuna em sua genialidade concatena as falas de Mengarelli e Lipovetsky e traz na

mesma fala o belo, o feio e o risível. O corpo obeso, lamentavelmente ocupa o lugar do jocoso e esse jocoso leva para adoecimentos que um alto IMC não impinge.

Um livro como o Dom Quixote tem uma Beleza bem diferente do Belo realizado numa escultura como a Vênus de Milo, mas tem, indiscutivelmente, Beleza; uma Beleza que não é pura, serena, tranquila e proporcionada, como a do Belo, mas que é criada a partir daquilo que, no comportamento humano, faz parte do vasto campo do Risível. É, então, uma Beleza criada a partir daquilo que, no mundo e no homem, existe de desarmonioso. Por outro lado, a desarmonia, a feiura, a torpeza, o grotesco, que fazem parte do Risível, não podem entrar, nele, em proporção grande, nem desmesurada, se não sairíamos do campo do riso para entrar noutros, o da Beleza criada a partir do Feio e o da Beleza criada a partir do Horrível. Aristóteles afirma, na Poética: “O ridículo (risível) é apenas certo defeito (desordem, desarmonia), certa torpeza (ou feiura) anódina e inocente; que bem o demonstra, por exemplo, a máscara cômica, que, sendo feia e disforme, não tem expressão de dor.” (Capítulo V, p. 74.)

O trecho discute a ideia de beleza na literatura, especificamente no contexto do livro "Dom Quixote" de Miguel de Cervantes. Ele contrasta essa beleza literária com a beleza encontrada em obras de arte visuais, como a estátua da Vênus de Milo. Na exposição o autor faz a percepção de que há diferentes tipos de beleza. Enquanto a Vênus de Milo representa um tipo de beleza serena e proporcionada, o livro "Dom Quixote" possui uma beleza diferente. Essa beleza literária não é pura, serena e tranquila, mas é criada a partir do que é considerado risível ou engraçado no comportamento humano.

Suassuna argumenta que a beleza presente em "Dom Quixote" é derivada do que é risível, ou seja, do que é humorístico ou cômico. Essa beleza é construída a partir de elementos que podem ser desarmônicos e até mesmo desarmoniosos. No entanto, o texto também ressalta que a desarmonia, a feiura, a torpeza e o grotesco que fazem parte do risível não podem ser excessivos na obra literária. Caso contrário, a narrativa sairia do domínio do riso e entraria em outros domínios, como o da beleza criada a partir do feio ou do horrível.

A máscara cômica como um exemplo que ilustra essa ideia. Mesmo sendo feia e disforme, ela não evoca dor, mas sim riso, o que a torna anódina e inocente. O texto faz referência a Aristóteles e sua Poética, na qual o filósofo discute o riso e o cômico na arte, destacando a importância da desordem e da desarmonia nesse contexto. O trecho explora a concepção de beleza na literatura, enfatizando como obras literárias como "Dom Quixote" podem encontrar beleza no que é risível e humorístico, desde que dentro de limites que não ultrapassem a fronteira para o feio ou o horrível.

A relação entre a obesidade, à feiura e o risível é um tema que pode ser abordado em obras literárias e artísticas, especialmente quando se trata do universo do escritor Ariano

Suassuna. Na obra de Suassuna, é possível encontrar personagens que representam diferentes aspectos da vida e da sociedade do Nordeste brasileiro. A obesidade e a feiura podem ser características atribuídas a alguns desses personagens, e o autor muitas vezes utiliza o humor e o risível para explorar essas características de forma satírica.

O risível, nesse contexto, pode ser usado para criar situações cômicas e provocar o riso do leitor ou do público em peças teatrais. Ariano Suassuna tinha um estilo marcado pelo humor, pelo exagero e pela sátira, e frequentemente abordava questões relacionadas à condição humana de forma caricatural (MELO; FARIAS; KOVACS, 2017). É importante lembrar que a abordagem da obesidade e da feiura como elementos risíveis ou cômicos em obras de ficção pode ser delicada e deve ser analisada considerando o contexto da obra e a intenção do autor. Nem sempre essa abordagem visa à ridicularização ou à estigmatização, mas pode ser uma forma de explorar aspectos da vida e da cultura de forma humorística e crítica.

CONCLUSÃO

A obesidade é um tema que ocasionalmente é abordado no cinema, na literatura, na radiodifusão, nas redes sociais como Instagram, Facebook, X, Tumblr e nas peças teatrais. Quando isso ocorre o propósito é refletir as complexidades e desafios associados a essa condição de saúde. É importante reconhecer que a tecnologia, incluindo a mídia digital e as redes sociais, tem um papel significativo na disseminação de informações e na influência sobre as opiniões e comportamentos das pessoas.

A obesidade é abordada em diversas mídias para refletir suas complexidades e promover conscientização. Requer análises de fatores genéticos, psicossociais, comportamentais e socioambientais. A mídia pode explorar estas causas e destacar impactos físicos, emocionais e sociais na vida das pessoas afetadas. Tecnologia e redes sociais são fundamentais na disseminação de informações e influência de opiniões, oferecendo plataformas para compartilhamento de experiências e apoio. É essencial que a mídia aborde o tema de forma sensível, precisa e não estigmatizante, combatendo preconceitos e promovendo melhor compreensão sobre saúde e bem-estar das pessoas obesas.

Alimentos processados ou ultraprocessados, ricos em açúcares adicionados, gorduras saturadas, sódio e aditivos artificiais, frequentemente recebem rótulos enganosos como "nutritivos", "saudáveis" ou "naturais", quando na realidade aumentam o risco de obesidade,

diabetes, doenças cardiovasculares e outros problemas de saúde. A vulnerabilidade dos consumidores frente ao marketing enganoso é agravada pela falta de educação nutricional, influência publicitária, disponibilidade de alimentos processados e pressão por conveniência.

O estigma da obesidade afeta múltiplas esferas: no trabalho gera discriminação em contratações, salários e promoções; estudantes obesos sofrem bullying, comprometendo desempenho e autoestima; a mídia perpetua estereótipos ao idealizar a magreza; atitudes discriminatórias de pessoas próximas e profissionais causam isolamento e problemas mentais. Estas barreiras restringem oportunidades e acesso a cuidados. Combater o estigma requer educação e ambientes que respeitem a diversidade corporal.

A obesidade, enquanto questão multifatorial, relaciona-se diretamente aos direitos fundamentais à saúde, dignidade e igualdade. O estigma e discriminação enfrentados por pessoas obesas violam o princípio constitucional da não-discriminação, enquanto barreiras no trabalho, educação e saúde comprometem direitos sociais básicos. A publicidade enganosa de alimentos ultraprocessados fere o direito à informação adequada e proteção do consumidor. A representação midiática estereotipada contraria o direito à imagem e dignidade humana.

O Estado deve garantir políticas públicas que assegurem acesso igualitário à saúde, combatam a gordofobia institucional e regulem práticas comerciais abusivas da indústria alimentícia. Reconhecer a diversidade corporal como expressão da personalidade e promover ambientes inclusivos são imperativos para efetivar os princípios constitucionais da igualdade material e dignidade humana.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Marle. **Nutrição comportamental**. 2. ed. Barueri: Editora Manole, 2019.

BAHIA, Luciana R.; ARAÚJO, Denizar Vianna. Impacto econômico da obesidade no Brasil. **Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 13-17, 2014.

BERBERI, Marco Antonio Lima; Vaz, Andréa Arruda; Martins, Tais. Obesidade e direito: entre a estética e a saúde – a cirurgia bariátrica e a fulguração por argônio para o enfrentamento da gordofobia. *Revista Internacional Consinter de Direito*, Curitiba, v. 08, n. 14, p. 451-468, 2022, p. 458.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica: obesidade – Cadernos de Atenção Básica, nº 38. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Sobrepeso e obesidade como problemas de saúde pública. Disponível em: https://t.ly/_Niaw. Acesso em: 03 ago. 2021.

DANTAS, Bruna Lorena de Lima; MORAES, Thiago Assunção de; CAVALCANTI, Hellen Thaynan da Silva; LEAL, Janayna Souto; SILVA, Bianca Gabriely Ferreira. A vulnerabilidade dos consumidores obesos na perspectiva da pesquisa transformativa do consumidor. **Revista Ciências Administrativas**, Fortaleza, v. 27, n. 2, p. 1-12, 2021.

FERREIRA, Arthur Pate de Souza; SZWARCOWALD, Célia Landmann; DAMACENA, Giseli Nogueira. Prevalência e fatores associados da obesidade na população brasileira: estudo com dados aferidos da Pesquisa Nacional de Saúde. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 22, p. 01-14, 2019.

GULÁ, Paula Victória Sozza Silva; SECAF, Camila Barillari; ALMEIDA, Sebastião de Souza; COSTA, Telma Maria Braga; LAUS, Maria Fernanda. **Estigma do peso**: conceito, consequências e ações de combate. Ribeirão Preto: FFCLRP USP, 2023.

LINN, Susan. **Crianças do consumo**: a infância roubada. São Paulo: Instituto Alana, 2006.
LIPOVETSKY, Gilles. **Da leveza**: rumo a uma civilização sem peso. São Paulo: Manole, 2016.

LIRA, Ariana Galhardi; GANEN, Aline de Piano; LODI, Aline Sinhorini; ALVARENGA, Marle dos Santos. Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 66, n. 03, p. 164-167, 2017.

LO MONACO, Grégory; BONETTO, Eric. Social representations and culture in food studies. **Food Res Int**, v. 115, p. 474-479, jan. 2019.

MARTINS, Tais. Obesidade e direito: a concepção psicossocial da obesidade na legislação e jurisprudência brasileiras. / Tais Martins. -- Curitiba, 2024. 979 f. Orientador: Prof. Dr. Paulo Ricardo Schier. Tese (Doutorado) – UniBrasil, 2024.

MARTINS, Tais. Ganho de peso após cirurgia bariátrica e argonioterapia: representações sociais da obesidade. Curitiba: Juruá, 2022.

MARTINS, Ana Paula Bortoletto. É preciso tratar a obesidade como um problema de saúde pública. **Revista de Administração de Empresas**, v. 58, n. 03, p. 337-341, maio 2018.

MARTINS, Tais; VAZ, Andréa Arruda; LIMA, Silmara Aparecida de. Gordofobia, saúde & doença: a exclusão do corpo obeso e o confronto aos direitos fundamentais. Disponível em: <https://encurtador.com.br/BENQ4>. Acesso em: 03 mar. 2024.

MATEO, Claudia García. **La sociedad que condenó el sobrepeso**: una investigación sobre la gordofobia en relación a los medios de comunicación. Sevilla, 2022, 77 f. Especialização

(Artigo de conclusão de curso em Comunicação Audiovisual) – Departamento de Psicología Social, Universidad de Sevilla.

MELO, Francisco Vicente Sales; FARIAS, Salomão Alencar de; KOVACS, Michelle Helena. Estereótipos e estigmas de obesos em propagandas com apelos de humor. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 24, n. 81, p. 305-324, abr. 2017.

MENGARELLI, Hugo Daniel. **Ética, e estética no ator**: uma questão de desejo. Rio de Janeiro: Cia Freud, 2014.

MIALON, Melissa; CEDIEL, Gustavo; JAIME, Patricia Constante; SCAGLIUSI, Fernanda Baeza. A consistent stakeholder management process can guarantee the “social license to operate”: mapping the political strategies of the food industry in Brazil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 37, p. 01-19, 2021.

NESTLE, Marion. **Food politics**. Berkeley: University of California Press, 2002.

NESTLE, Marion. **Soda politics**: taking on big soda (and winning). New York: Oxford University Press, 2015.

NESTLE, Marion. **Uma verdade indigesta**: como a indústria alimentícia manipula a ciência do que comemos. São Paulo: Elefante, 2019.

NEVES, Alexandre Emerick. A beleza do corpo obeso figurado: da invisibilidade ao enquadramento oblíquo **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFGM**, Belo Horizonte, v. 12, n. 25, maio/ago. 2022

PORTAL DA ASSEMBLEIA DE MINAS GERAIS. Pessoas gordas reivindicam direitos e punição para gordofobia. Disponível em: <https://acesse.one/XTEck>. Acesso em: 12 nov. 2023.

PUHL, Rebecca M.; HEUER, Chelsea A. O estigma da obesidade: uma revisão e atualização. **Obesidade**, v. 17, n. 05, p. 941-964, 2009.

ROHENKOHL, Mariane Beatris. **O comer e seu significado simbólico**. Disponível em: <https://t.ly/4LuyF>. Acesso em: 04 mar. 2024.

SÁNCHEZ, Gabriela María Quirós. **Gordofobia**: efectos psicosociales de la violencia simbólica y de género sobre los cuerpos – una visión crítica en la Universidad Nacional, Heredia, 2019. 172 f. Tese Licenciatura en Género y Desarrollo) – Instituto de Estudios de la Mujer de la Universidad Nacional Heredia.

SCHERER, Alessandra D'ávila; MORE, Carmen Leontina Ojeda Ocampo; CORADINI, Aline Orlandi. Obesidade, família e transgeracionalidade: uma revisão integrativa da literatura. **Nova perspect. sist.**, São Paulo, v. 26, n. 58, p. 17-37, ago. 2017.

SILVA, Isabelle Fernanda da. **Corpo gordo transgressor**: redefinindo a imagem da corpulência. Rio de Janeiro, 2021.

SILVA, Nathália Gomes da; SILVA, Josevânia da. Aspectos psicossociais relacionados à imagem corporal de pessoas com excesso de peso. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 19, n. 01, p. 8029-8046, 2019.

SOUZA, Daniela dos Santos. **Gordofobia e a dignidade da pessoa gorda**. Goiás, 2021. 58 f. TCC (Bacharelado em Direito) – Universidade Federal de Goiás.

STUCKLER, David; NESTLE, Marion. Big food, food systems, and global health. **PLoS Med**, v. 09, n. 06, 2012.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

TAROZO, Maraisa; PESSA, Rosane Pilot. Impacto das consequências psicossociais do estigma do peso no tratamento da obesidade: uma revisão integrativa da literatura. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, p. 01-16, 2020.

TAVARES, Luíza; SCHUBERT, Maycon Noremberg. **Corpos gordos e a saúde**: uma revisão de literatura sobre gordofobia médica. Disponível em: <https://l1nq.com/LH0z3>. Acesso em: 03 mar. 2024.

VENDRUSCOLO, Mayra Fernanda; MALINA, André; AZEVEDO, Ângela Celeste Barreto de. A concepção de obesidade e padrão corporal por mediações ideológicas da mídia. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 02, p. 503-516, 2014.

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade no Ocidente – da Idade Média ao século XX. Tradução de Marcus Penchel. São Paulo: Vozes, 2012.

VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: da renascença às luzes. V. I. 5. ed. Tradução de Lúcia M. E. Orth. Petrópolis: Vozes, 2012.

VIGARELLO, Georges. **O sentimento de si**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.